



CURRÍCULO DE FORMAÇÃO NO FUTEBOL: INTERFACE DA TEORIA BIOECOLÓGICA E A PEDAGOGIA DO ESPORTE

TRAINING CURRICULUM IN FOOTBALL: INTERFACE OF THE BIOECOLOGICAL THEORY AND THE PEDAGOGY OF SPORT

*Elson Aparecido de Oliveira, **Riller Silva Reverdito, ***Otávio Baggio Bettega, ****Larissa Rafaela Galatti,
*****Alcides José Scaglia

RESUMO

Este ensaio é uma reflexão sobre a recorrente problemática das práticas assistemáticas no ensino do futebol. O objetivo constitui-se em apresentar diretrizes para a construção de currículos futebolísticos, também visando promover novas fronteiras acerca do currículo para a formação esportiva, tanto em relação a sua conceituação, quanto a sua construção. Sendo a organização do processo de ensino e aprendizagem futebolística uma emergência contemporânea, na interface da Pedagogia do Esporte e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, sustentamos diretrizes para a elaboração do currículo para o ensino da modalidade. O currículo é entendido como plataforma que auxilia o planejamento, a operacionalização e sistematização do processo de ensino nos diversos contextos, no intuito que a formação gere efeitos de competência e diminua efeitos desorganizadores e, por conseguinte, constitua um caminho de melhores legados da prática do futebol.

Palavras-chave: Futebol; Esporte; Currículo de Formação.

ABSTRACT

This essay is a reflection on the problematic recurrence of unsystematic practices in football teaching. The purpose is to present guidelines for the construction of soccer curriculum, to promote new boundaries about the curriculum for sports training, both in terms of the conceptualization and its construction. Since the organization of the football teaching and learning process is a contemporary emergency, in the interface of Sports Pedagogy and the Bioecological Theory of Human Development, we maintain guidelines for the elaboration of the curriculum for teaching the modality. The curriculum is understood as a platform that assists the planning, operationalization and systematization of the teaching process in the different contexts, in order that the training manages competency effects, decreasing disorganizing effects and, therefore, constitutes a way of better legacies of the practice of the soccer.

Keywords: Football; Sport; Training Curriculum.

Recebido em: 08/07/2017

Aprovado em: 05/09/2017

*Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT
Email: elson12oliveira@gmail.com

***Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Email: otavio.b.bettega@gmail.com

**** Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP
Email: alcides.scaglia@gmail.com

**Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT
Email: rsreverdito@gmail.com

****Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP
Email: lagalatti@hotmail.com



INTRODUÇÃO

As investigações em ciências do esporte avançam na tentativa de uma intervenção inovadora no que concerne a metodologias de ensino, sistematizações e construtos pedagógicos (REVERDITO; SCAGLIA, 2007; QUINA; GRAÇA, 2011), instaurando um processo de ruptura com os princípios tradicionais, da fragmentação do ensino, da reprodução isolada dos gestos técnicos estereotipados e descontextualizados das razões de ser (SCAGLIA et al., 2013). Colocado isso, não significa negar aquilo que foi produzido no bojo dos conceitos tradicionais, mas de reconhecer novos pressupostos epistemológicos, implicados na complexidade, intersubjetividade e instabilidade (VASCONCELLOS, 2002; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; MORIN, 2005; GALATTI et al., 2014). Logo, fazendo emergir rupturas e novas fronteiras para o conhecimento, evidenciando um processo de transição e incertezas para o ensino do esporte.

Garganta (1995; 2002), Garganta e Gréhaigne (1999), Freire (2003) e Scaglia (1999; 2003; 2014) são algumas das referências que, à luz da ciência, contribuem de forma decisiva para reforçar o processo de ruptura paradigmática nos esportes coletivos, sobretudo em relação ao ensino e aprendizagem do futebol. A partir das novas perspectivas e da própria configuração do jogo de futebol, a formação de futebolistas é reconhecida como um processo de natureza sistêmico-complexa (SCAGLIA, 2003; GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999; SCAGLIA et al., 2013), influenciada por determinantes do contexto, das características da pessoa, do tempo e do processo de formação (BRONFENBRENNER, 1995). Nessa conjuntura, orientado pelas novas tendências em Pedagogia do Esporte (REVERDITO; SCAGLIA, 2009; SCAGLIA; REVERDITO, 2016), é emergente o estudo dos currículos de formação no futebol, tanto em relação à lógica do jogo como da organização do processo de participação e especialização.

Apesar do aumento de investigações em relação ao futebol, diante da demanda desse esporte em nosso país, é pequena a produção a respeito do caminho (processo) da formação do

jogador (pessoa) ao entrar em contato com o universo esportivo, ou seja, do currículo de formação. A estrutura, organização e sistematização do processo de formação ainda é um desafio, ficando entre a ausência (REVERDITO et al., 2013) ou organizado a partir de pressupostos e modelos tradicionais (GALATTI et al., 2014; OLIVEIRA, 2015). Por consequência, se não organizado e sistematizado, o processo de formação ao invés de potencializar efeitos positivos, poderá produzir efeitos desorganizadores para o desenvolvimento do jovem atleta.

Nesse sentido, este ensaio defende o currículo de formação, tão ausente nos programas de futebol no Brasil, como plataforma que deve organizar o processo de ensino-treino do futebol nos mais diferentes contextos. Assim, a partir de uma reflexão nas matrizes teóricas da Pedagogia do esporte e a Teoria Bioecológica, o objetivo deste ensaio é evidenciar diretrizes para a construção de currículos para o ensino do futebol.

CURRÍCULO DE FORMAÇÃO

Em se tratando do termo currículo, abarcam-se diversas definições e nomenclaturas para representar sua configuração e funcionalidade, tais como currículo formal, informal, integrado e oculto. Em geral, o currículo ainda está relacionado a um velho problema referente à sua configuração de programa institucionalizado, padrão e restritivo, que funcionalmente ao definir conteúdos para um processo de ensino, não tem considerado as realidades singulares de cada contexto, tempo histórico e a transversalidade dos conhecimentos (SANTOMÉ, 1998; SACRISTÁN, 2000; LOPES et al., 2004; MIRANDA, 2009). Porém, um currículo pode/deve ser aberto e flexível, ou seja, se organizar de forma a estar conexo às pessoas, contextos e tempo-histórico (paradigma ecológico), não somente por disciplinas como tem ocorrido (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; SANTOMÉ, 1998; ARAÚJO; PASSOS; ESTEVES, 2011).

A partir de Sacristán (2000), estudioso renomado do termo, pode-se dizer que tratar de



currículo é o mesmo que refletir as práticas pedagógicas. Para o autor o currículo refere-se a um guia para os processos educacionais, priorizando o perfil do percurso/carreira, os conteúdos, os conhecimentos, os processos didáticos, os métodos e meios avaliativos que deverão ser oportunizados como vivências no ambiente de ensino para a exploração pelo aluno (SACRISTÁN, 2000). O currículo seleciona e organiza o conhecimento para ser desenvolvido no percurso do processo educacional, processo que deve estar comprometido com os contextos e legados das práticas (SACRISTÁN, 2000; SCAGLIA, 2014).

Sustentando como um guia para o processo educacional, a construção curricular torna-se fulcral para a organização do processo de ensino e aprendizagem do esporte (SANTOMÉ, 1998; SACRISTÁN, 2000; SCAGLIA, 2014). Assim, definimos o currículo na interface da Pedagogia do Esporte e a Perspectiva Bioecológica (REVERDITO, 2016), como o organizador dos aspectos inerentes ao processo de formação esportiva e da pessoa. A formação vista em uma perspectiva sistêmico-ecológica, considera as realidades (contextos, sujeitos e tempo-histórico) e os balizadores produzidos e tidos como legados de conhecimento, organizando-os de maneira que o sujeito, na interação com esses conhecimentos, desenvolva competências para resolver constrangimentos do contexto, sejam esses do jogo e/ou fora dele (família, comunidade, relações interpessoais, ocupação do tempo livre).

Em verdade, nenhum currículo surge do nada. Sua origem se dá na busca de transformações significativas que sejam capazes de gerar melhores resultados para as práticas (SANTOMÉ, 1998). Logo, o currículo é uma plataforma multidimensional que está por ser compreendida, especialmente em relação à formação esportiva. Mesmo sendo um termo novo estudado pela Pedagogia do Esporte, o currículo de formação esportiva tem sido destacado como um tema emergente (REVERDITO et al., 2013; SCAGLIA et al., 2013; SCAGLIA, 2014; BETTEGA et al., 2015), buscando discutir, refletir e considerar novos meios e pressupostos para aperfeiçoamento das

práticas esportivas e seus legados ao longo da vida.

Reconhecendo que “o processo formativo na iniciação do futebol deve estabelecer uma diversidade de experiências, passando pelo reconhecimento de fatores externos ao jogo, bem como pelos aspectos internos” (BETTEGA et al., 2015, p. 794), dialogamos com as evidências trazidas pelos estudos de Scaglia (1999), Reverdito e colaboradores (2013) e Oliveira (2015), que apontam para a urgência da organização de um currículo de formação para os processos de formação nos ambientes de ensino. Espera-se que um currículo para o processo de formação no futebol possa garantir um conjunto de conteúdos e experiências positivas para os jogadores (REVERDITO et al., 2013).

Scaglia (1999) investigou o ensino do futebol em escolas e/ou clubes de futebol, especialmente sobre como os professores/treinadores, ex-jogadores profissionais de futebol, percebiam como aprenderam jogar futebol e como ensinavam. No estudo, o autor verificou que os professores teriam aprendido futebol por meio de jogos/brincadeiras com bola da cultura infantil. Todavia, ao conceber o processo de ensino, optavam por reproduzir um modelo distanciado da maneira como aprenderam, utilizando os meios didático-metodológicos quais foram submetidos no futebol profissional, conhecidos como tradicionais.

Reverdito e colaboradores (2013), em estudo realizado na região metropolitana de Campinas, verificaram se as escolas de futebol possuíam projetos pedagógicos, incluindo o currículo. Os autores verificaram que além da ausência, percebeu-se uma confusão naquilo que seria um projeto pedagógico. Por conseguinte, sustentando uma prática assistemática, uma vez que não ficou evidenciado um processo organizado e sistematizado para o ensino do futebol.

Oliveira (2015) estudando a organização do futebol em escola de esportes na região metropolitana de Cuiabá, MT verificou que o ensino do futebol em escolinhas de iniciação, ainda, tem se limitado ao domínio da técnica da modalidade. Também destaca que os educadores esportivos estabelecem seus planejamentos distanciados de uma lógica de formação



continuada, sustentando suas intervenções no empirismo e/ou inatismo. Nessa conjuntura, faz-se evidente a necessidade de se conceber um currículo futebolístico.

Visto isso, fica explícita a importância do currículo para o ensino do futebol enquanto plataforma de seleção e organização do conhecimento que se deseja ensinar ao longo do processo de formação. Esse processo precisa estar comprometido com a história, cultura, meio social e os legados das práticas (SACRISTÁN, 2000; SCAGLIA, 2014). Em linhas gerais, o currículo de formação expressa o projeto político pedagógico, que permite direcionar a interação e inter-relação dos componentes curriculares (disciplinas, orientações e conteúdos) com os sujeitos e contextos da aprendizagem, prevendo um planejamento para o ensino do esporte. Logo, pode-se afirmar que o currículo se faz necessário a todos os ambientes que ensinam futebol (SCAGLIA, 2014; BETTEGA, 2015), pois é a partir dele que se define o que se deseja do processo de formação esportiva.

Nesse sentido, o currículo esportivo mediando à formação, é uma plataforma, a priori, documental, que deverá ser organizada perspectivando potencializar os efeitos de competências para jogar futebol. Através da elaboração do currículo busca-se organizar o processo, definindo o perfil da formação, seus conteúdos, etapas, objetivos, metodologias, calendário e avaliação. Na dimensão temporal, por meio de suas diretrizes, o currículo orienta o planejamento no macrotempo (ao longo de anos), mesotempo (meses e ano) e microtempo (plano de treino) para um desenvolvimento sistemático e conexo das intervenções de ensino.

Portanto, como função, o currículo exerce na formação de futebolistas a estruturação de diretrizes, ou seja, o caminho a ser percorrido, dos quais emanam os conteúdos e orientações (princípios e pressupostos) que precisam ser organizados em conceitos e procedimentos para a experimentação e aprendizagem, estimulando atitudes coerentes ao contexto de ensino propagado (SCAGLIA, 2014; BARROSO; DARIDO, 2009).

DIRETRIZES PARA UM CURRÍCULO

A formação de jogadores de futebol consiste em um processo, onde estruturas pré-estabelecidas devem orientar possibilidades de vivências que podem resultar, através da interação pessoa-futebol no longo prazo, em aprendizagem e desenvolvimento ótimo das capacidades humanas e esportivas. Logo, o desenvolvimento assistemático e não estabelecido de um percurso de ensino-treino tem sido um aspecto conflitante em relação aos melhores legados das práticas. Por isso, a organização do currículo é um tema emergente e fulcral para romper com uma conjuntura de treinos assistemáticos.

Atentando-se às emergências do contexto social, político e esportivo, o currículo para o ensino do futebol torna-se imprescindível para orientar o processo de aprendizagem das metas almejadas. Logo, o currículo é uma plataforma de orientação para a construção/ estruturação do ambiente de ensino-vivência e seu desenrolar enquanto processo. Por isso, um currículo de formação deve ser sustentado por **diretrizes** que organizam o processo da prática do futebol, tanto em relação ao gosto pelo esporte, quanto em relação ao legado que o desenvolvimento de uma prática bem estruturada pode favorecer ao longo da vida.

Assim, pensando em como a operacionalização do currículo pode impactar positivamente no processo de desenvolvimento humano e esportivo dos sujeitos (REVERDITO, 2016), avançamos sobre o desafio de evidenciar e situar diretrizes para a elaboração e funcionalidade dessa ferramenta no futebol. Pretendemos um currículo que defina um perfil de egresso (SCAGLIA, 2014) singular a cada contexto, reconheça etapas e níveis diversos de jogo (FREIRE, 2003), balizando-se na perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano e na Pedagogia do Esporte (BRONFENBRENNER, 1994; MORIN, 2005; SCAGLIA, 2014; REVERDITO, 2016) para provocar efeitos de competência.

O currículo de formação é uma plataforma de natureza complexa, uma vez que alcança as dimensões do processo (atitudes e decisões por meio da interação da pessoa em desenvolvimento com o contexto em que está inserida), pessoa (características disposicionais, recursos e



demandas), contexto (clube, escola, família, comunidade) e tempo histórico. Por isso, não se trata apenas da organização do conteúdo, mas do processo de desenvolvimento (continuidades e mudanças) da pessoa engajada no futebol, com o objetivo de desenvolver competências e minimizar os aspectos que possam gerar efeitos desorganizadores (BRONFENBRENNER, 1994; 1995; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; GARGANTA, 2002; 2006; MORIN, 2005; SCAGLIA, 2014; LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; ARAÚJO, 2011; ARAÚJO; PASSOS; ESTEVES, 2011; SCAGLIA et al., 2013).

O processo é uma relação de interação entre pessoa e os contextos onde se insere ao longo do tempo, definido pela experiência (força subjetiva dos sentimentos), efeitos de competência, ou desorganizadores e pelos processos proximais (mecanismos primários produtores de desenvolvimento). A experiência refere-se à esfera dos sentimentos relacionados ao sujeito, às atividades em que está engajado e a forma como se dá a interação com ambiente que o envolve (ecossistema). Os processos proximais se tratam do engajamento da pessoa em uma atividade sobre uma base regular de tempo e progressivamente mais complexa, interações recíprocas nas relações interpessoais, além de objetos e símbolos capazes de estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação do sujeito em desenvolvimento. Assim, o processo se torna condutor das interações entre a pessoa e contexto futebolístico, portanto, o motor para o desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Consiste em um conceito de interface, “para as formas particulares de interação recíproca entre a pessoa (organismo) e o ambiente (seres, objetos e símbolos) progressivamente mais complexo ao longo do tempo” (REVERDITO, 2016, p. 34-35).

Nesse sentido, o currículo é eixo organizador do processo de formação. Logo, é preciso garantir uma base regular de tempo e um contexto de ensino sustentado em atividades sistemáticas e com complexidade crescente, alicerçadas na lógica do jogo e na preposição de formação integral, também, interações significativas com pessoas, objetos e símbolos

nesse contexto. Assim, a intervenção pedagógica tem como finalidade promover e ampliar o potencial das interações pessoa-ambiente (processo), para que a experiência e os processos proximais possam gerar efeitos de competência e minimizar os efeitos desorganizadores. As interações dessas dimensões precisam ser amplamente conhecidas, seja pelo treinador até a estrutura gerencial da Instituição formadora, considerando as etapas do desenvolvimento, conteúdos e mudanças que ocorrem ao longo do processo.

Importante perceber que o contexto da Instituição de formação (sua condição atual e necessidades) tende a direcionar o perfil dos seus formandos, pois, a maneira como se dá a sua inserção e orientação no âmbito esportivo, sociocultural, histórico e temporal, influenciará diretamente o estilo e objetivos do ensino-treino. Sendo assim, as experiências e efeitos de competência (ou desorganizadores) são configurações inerentes à qualidade do processo e do relacionamento complementar, antagônico e transformador da pessoa ao longo do tempo.

Em se tratando de futebol e pensando em processo de formação, podemos dizer que “*o que ensinar*” dessa modalidade é uma diretriz que deve ser refletida, a partir da Pedagogia do Esporte e Teoria Bioecológica, e respondida em duas etapas. A primeira etapa leva-nos a revelar que para organizar um currículo de formação é preciso, antes de tudo, identificar o contexto, para então buscar equalizar a proposição dos conteúdos a partir das necessidades e atributos da pessoa (características e recurso). Essa ação permitirá que os educadores esportivos tenham informações pontuais sobre quem são as pessoas, suas agendas sociais, motivações e experiências acumuladas, para então operacionalizar os conteúdos, adequando-os a condição atual do cenário sujeito-futebol-entidade.

A segunda parte dessa reflexão sobre o que ensinar, passa pela identificação, definição dos conteúdos (experiências culturais socialmente aceitas, normas, valores, habilidades e sistemas explicativos) e objetivos (processos de crescimento individual que facilitam, favorecem e provocam a aprendizagem) para um processo sistemático de treino. O futebol é um jogo esportivo coletivo, cuja literatura já apresenta



diversas obras pontuais que tratam dos conteúdos (princípios fundamentais e pressupostos) para o desenvolvimento da modalidade, como as obras de Garganta (2002), Leitão (2009), Teoldo e colaboradores (2009), Casarin e colaboradores (2011), Scaglia (2014), Bettega e colaboradores (2015). Portanto, já são reconhecidos como conteúdos os aspectos e conceitos gerais e específicos do jogo. Logo, esses conteúdos, junto à imprevisibilidade (interação que compõe o ambiente de jogo), devem fazer parte do processo de ensino do futebol nos diferentes momentos da formação. Dispor e aplicar esses conteúdos de forma a se evidenciar um caminho coerente às etapas e níveis das pessoas, também cada vez mais complexo e sobre uma base prolongada de tempo é um dos desafios do currículo.

Scaglia e colaboradores (2013) propõe que os conteúdos devam ser sustentados e operacionalizados a partir da compreensão sobre as emergências do processo organizacional dos jogos, orientado para a aprendizagem e desenvolvimento de competências para resolução da lógica do jogo (SCAGLIA et al., 2013). Assim, o desenvolvimento dos conteúdos a partir de um currículo, deve gerar aprendizagem referente a competências essenciais¹, competências específicas² e competências contextuais³ para se jogar futebol. Na perspectiva das competências, todos os sujeitos são capazes de explorar, aprender e cumprir a lógica do jogo, por meio do conhecimento, recursos e demandas disponíveis em cada tempo histórico (SCAGLIA et al., 2013; SCAGLIA, 2014).

Os conteúdos para o ensino do futebol relacionam-se as demandas contextuais e da pessoa, tendo como balizadores os referenciais (estruturais e funcionais) evidenciados pelo próprio jogador em busca do cumprimento da lógica do jogo (SCAGLIA, 2003; LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; BETTEGA et al., 2015). Logo, para superar determinado nível

de jogo (técnico-tático-físico-psicológico) faz-se necessário orientar por meio de um processo de intervenção capaz de produzir novas emergências, que na busca pelo desenvolvimento de competências, possam emergir novos conteúdos e a possibilidade de novos desafios.

Apesar dos objetivos de um processo de formação apresentarem-se singulares a cada entidade, dois objetivos são transversais. O primeiro objetivo seria estimular o gosto pela prática, pela cultura do movimento e desenvolvimento da capacidade de jogar futebol (tática-técnica). Um segundo objetivo seria a promoção do desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos por meio do contato com a prática futebolística. Esses objetivos, acrescidos pelas metas particulares das instituições (educacional, social, rendimento), poderão ser alcançados por meio da estruturação do ambiente (GARGANTA, 2002) e operacionalização adequada dos conteúdos selecionados para a aprendizagem do futebol.

Outra diretriz a ser tratada sobre a perspectiva da Pedagogia Esportiva e Teoria Bioecológica refere-se ao *quando ensinar*. Visto que o currículo de formação consiste em um instrumento que busca evidenciar o percurso das experiências de aprendizagem, ao perpassar por continuidades e mudanças da pessoa, partindo das características disposicionais (curiosidade, disposição para engajar nas atividades, resposta a iniciativa de outros, dentre outros), recursos biopsicológicos e demandas, deve-se desenvolvê-lo como um processo de formação que enalteça a singularidade dos significados atribuídos a prática pelos sujeitos e a heterogeneidade dos grupos.

As pessoas apresentam estruturas desenvolvendo semelhantes em determinadas etapas cronológicas da vida. Entretanto, cada pessoa traz diferentes experiências e características que pertencem a ela, e se depara com o ambiente de aprendizagem de forma

¹ **Competências essenciais:** são referências para se cumprir a lógica do jogo de futebol. Sendo elas, a estruturação do espaço, a comunicação na tarefa e relação com a bola (SCAGLIA, 2014). **Competências essenciais gerais:** são conceitos relativos aos princípios comuns dos jogos esportivos coletivos.

² **Competências específicas:** são habilidades fundamentais, ações e decisões relacionadas à especificidade do futebol, como os princípios da ultrapassagem, compactação, cobertura, apoio, as habilidades técnicas, estratégicas e táticas (GARGANTA, 2002; SCAGLIA, 2014; LEITÃO, 2009; TEOLDO et al., 2009; CASARIN et al., 2011; BETTEGA et al., 2015).

³ **Competências contextuais:** São as competências essenciais e específicas desenvolvidas em ambiente de competição formal (com regras, arbitragem, tempo, estrutura do espaço, torcida, modelo de competição...).



distinta (BRONFENBRENNER, 1994; 1995; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Assim, o educador esportivo deverá compreender que se trata de um processo de interacionismo constante, um percurso não linear. Isso significa reconhecer que o desenvolvimento de competências para jogar futebol das pessoas passa pela mobilização de disposição e recursos do indivíduo, capazes de influenciar e ser influenciada pelo contexto em que está inserida.

Neste trajeto, organizar e aplicar os conteúdos de modo progressivo e compatível às etapas e tempo dos sujeitos é uma tarefa complexa (MORIN, 2005; REVERDITO; SCAGLIA, 2007), sendo, o “*quando ensinar*” (?) uma emergência evidenciada pela pessoa, que em contato com o processo de aprendizagem se torna mais ou menos competente dentro das estruturas disponibilizadas (referenciais balizadores). A carência do jogador em cumprir um nível melhor de jogo deve ser suprida com o conteúdo compatível a sua necessidade e etapa. Logo, a disposição e mudança/transição de conteúdo não se prende, apenas, as alterações nas matrizes cronológicas (idade). O desenvolvimento das capacidades de jogo ocorre por etapas que se consolidam singulares (não lineares), pois são bioadaptações do sujeito no contato com o futebol.

Percebendo que a não linearidade em um percurso de formação é explícita, os educadores esportivos devem estar abertos a emergências e, principalmente, capacitados a desempenharem atividades de orientação suscetíveis a desvios e readaptações (transições), sem, contudo, desconectar suas intervenções do perfil de egresso, das diretrizes do processo. “*Quando ensinar*” (?) é uma indagação que deverá sempre estar com o treinador, enquanto planejam, ensinam e geram *feedbacks*. A capacidade de gerenciar um processo em sua continuidade e transições é uma das principais capacidades que definem o treinador de categorias de formação.

Uma das grandes dificuldades do processo de formação está relacionada à transição, pelo fato de representar a ruptura de um padrão, por conseguinte, gerando desconforto, constrangimento e/ou necessidade de mudança. Orientando-se no currículo, deve-se buscar suprir as demandas do egresso a partir de uma

hierarquização do que deverá ser predominante nas intervenções, garantindo um percurso de aproximação constante de níveis cada vez mais complexos, partindo da condição atual dos sujeitos e traçando um percurso de escalas espiraladas entre os elementos essenciais e específicos/ fundamentais, até que se dominem as ações pela continuidade e/ou se evidencie um novo quadro de emergências e transição.

Caminhando sobre as diretrizes, refletimos sobre *como ensinar* futebol. As demandas atuais direcionam a construção do ambiente de treino-aula e as estratégias metodológicas para ensino do futebol com base em um paradigma contemporâneo (VASCONCELLOS, 2005; GALATTI et al., 2014), que sustenta a operacionalização sobre os pilares da complexidade, imprevisibilidade, intersubjetividade e a perspectiva ecológica (GARGANTA, 2002; SANTANA, 2005; VASCONCELLOS, 2005; GRAÇA; MESQUISTA, 2007; QUINA; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; GRAÇA, 2011; ARAÚJO; PASSOS; ESTEVES, 2011; GALATTI et al., 2014; BETTEGA et al., 2015; CARRAVETA, 2016). Reconhecendo isso, o processo regido por novos pressupostos inclina-se para a construção de ambientes favoráveis a aprendizagem (internos e externos ao treino) e tomada de decisão inteligente. Para tanto, os meios metodológicos devem ser coerentes a pessoa (momento, etapa, nível), contexto, objetivos da formação e, principalmente, relacionado à lógica funcional do jogo e os processos decisórios (ARAÚJO; PASSOS; ESTEVES, 2011; SCAGLIA et al., 2013; GALATTI et al., 2014).

Porém, para que haja o desenvolvimento de competências para jogar bem futebol, é necessário que o ensino e a aprendizagem sejam prolongados no tempo e percorram pelos conteúdos espiraladamente (SCAGLIA, 2014). Cabe ainda, considerar que se deve ensinar a gostar do futebol e ensinar mais que futebol a todos, sendo os saberes explorados nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais (FREIRE, 2003; BARROSO; DARIDO, 2009), de maneira a estimular a pessoa a permanecer engajada na atividade esportiva. A formação é resultado de um



processo ecossistêmico. Logo, na perspectiva do currículo futebolístico que estamos defendendo, o desenvolvimento integral é estimulado a partir do gosto pela prática de jogar/ vivenciar futebol, transpassando pela exploração de situações treináveis e conceitos transversais que gerem competência.

Sem dúvidas, o tempo (micro, meso e macrotempo) é imprescindível para a sistematização do processo de formação, indo da exploração do conteúdo (volume, intensidade e densidade...) ao avanço pelas etapas que definem o desenvolvimento (idade cronológica, experiência na atividade, mudanças e continuidades da pessoa e contexto). A sistematização do conteúdo deverá observar uma distribuição horizontal e vertical, de forma que sejam proporcionalmente compatíveis as características de cada etapa e nível de conhecimento dos jogadores. O tempo é o eixo horizontal no qual toda a formação se apoia.

Nessa perspectiva, identificar o desenvolvimento dos sujeitos dentro do processo é importantíssimo. Este fato leva-nos a reflexão, a partir do paradigma bioecológico (**Processo-Pessoa-Contexto-Tempo**), da diretriz *como e quando avaliar* (?). De imediato, consiste em dizer que se deve diagnosticar o contexto, as pessoas e, na medida em que as práticas se tornam sistemáticas, delineadas pelo currículo, a *avaliação* é necessária para evidenciar o que se tem produzido, bem como as possíveis carências e adaptações necessárias para a aproximação do processo de formação de seus objetivos (SANTOMÉ, 1998).

Selecionar a ferramenta mais adequada para avaliar, pressupõe buscar meios (qualitativos e quantitativos) coerentes para a análise da realidade do processo. A avaliação deve ser uma fonte de *feedback* fidedigno, que nutre os educadores, gestores esportivos e aprendizes de informações cruciais (demográficas e biopsicossociais), principalmente ao que se refere a capacidade do sujeito em tomar decisões eficazes diante de constrangimentos dialógicos do jogo e contexto social. Essas informações devem orientar a adaptação do cotidiano de treino na busca por atingir e/ou extrapolar as metas da base curricular de forma positiva. A avaliação pode ser realizada a cada treino por

meio de critérios criados como balizadores de práticas satisfatórias que evidenciem se o proposto tem sido alcançado, mensal, bimestral, semestral ou anualmente.

Nesse sentido, podemos dizer que investir em contextos de ensino que busquem apenas aprendizagem motora e aptidão física, acaba por aumentar a dependência da criança em relação aos outros mais habilidosos, papel normalmente atribuído a um adulto (professor, treinador, parente, etc.) (KREBS, 2003), fomentando um modelo de reprodução. Assim, o currículo elege a partir de diretrizes, proposições na direção de um ensino esportivo que esteja estruturado para a capacidade de gerar competências. A pessoa inserida no processo formativo deve ser capaz de fazer, de tomar decisões eficazes frente a desafios e explorar níveis de complexidade (crescente) a partir das experiências e conhecimentos já adquiridos no decorrer das etapas diversas (REVERDITO, 2016).

Portanto, sem nos esgotarmos na temática, apontamos que o desenvolvimento de um currículo prediz organizar e sistematizar um processo, considerando quem são as pessoas (recursos, demandas, disposição), além da natureza complexa da interação pessoa-contexto. Isso pressupõe mudanças e continuidades ao longo do tempo histórico, com o objetivo de realizar o processo formativo, por conseguinte, configurando um currículo de formação em futebol estruturado a partir de diretrizes pedagógicas e ecológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, espera-se que ao tratar de formação esportiva esteja claro que estamos falando da organização e sistematização de um currículo. Na perspectiva da Pedagogia do Esporte (GALATTI et al., 2014), assumindo que não existe formação esportiva sem um processo organizado e sistematizado, onde seja possível reconhecer e explicar o caminho percorrido. De outra forma, temos apenas práticas assistemáticas, baseadas na experiência e que submetem as pessoas (crianças e jovens) a intervenções para atingir um determinado objetivo sem reconhecer o caminho. Assim,



portanto, se não sei para onde vou, qualquer caminho serve. E, evidentemente, em se tratando da formação esportiva, o caminho se torna perigoso do ponto de vista da formação para o futebol e para a vida.

Nesse ensaio, elucidou-se a necessidade de ruptura com o modelo de práticas assistemáticas no cenário de formação futebolística. Por isso, evidenciamos e discutimos sobre as diretrizes, no intuito de subsidiar a construção de currículos para a prática do futebol com capacidade de estimular a formulação de ambientes e a operacionalização do ensino, assegurando experiências de qualidade para a pessoa inserida na prática do futebol ao longo de todo o processo. A organização do processo e sua disposição no longo tempo tornam-se essencial

para a geração de efeitos positivos no desenvolvimento (REVERDITO, 2016), por conseguinte, a plataforma currículo é o pilar inicial para a organização das práticas e seus legados, sejam estes relacionadas ao desenvolvimento esportivo, ou desenvolvimento integral da pessoa.

Com isso a formação de jovens futebolistas, deve ser um trajeto de ações continuadas que respondam a sistematização operacional do currículo, adequando-se à realidade onde a prática do futebol se insere. O currículo é a peça fundamental para que a formação alcance o perfil desejado, se faça sistemática e configure um trajeto potencializador para o desenvolvimento positivo dos jovens através da prática esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Duarte, PASSOS, Pedro; ESTEVES, Pedro. Teoria do treino da tomada de decisão no desporto. In: ALVES, José; BRITO, António. **Manual de psicologia do desporto para treinadores**. Portugal: Visão e Contextos, 2011.

ARAÚJO, Duarte. A dinâmica ecológica da tática individual em desportos de equipa com bola. In: LÓPEZ-ROS, Víctor; SARGATAL, Jordi (Eds.), **La tática individual en los deportes de equipo**. Girona, Espanha: UdG/CEEF, 2011.

BARROSO, André Luís Roggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões do conteúdo. **Revista da educação física**, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009.

BETTEGA, Otávio Baggiotto e colaboradores. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 791-801, jul./set. de 2015.

BETTEGA, Otávio Baggiotto. **Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro**. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela. The ecology of developmental processes. In: DAMON, William (Ed.). **Handbook of child psychology**. 5th. ed. New York, USA: Wiley, 1998.

BRONFENBRENNER, Urie. Developmental ecology through space and time: a future perspective. **Examining lives in context: perspectives on the ecology of human development**, v. 619, p. 647, 1995.

BRONFENBRENNER, Urie. Ecological models of human development. In: **International Encyclopedia of Education**. 2nd. ed. Oxford, England: Elsevier, 1994.



CARRAVETA, Élio. **As novas concepções da periodização dos treinamentos no ciclo de curta duração no futebol brasileiro**. Publicado em 27 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/as-novas-concepcoes-da-periodizacao-dos-treinamentos-no-ciclo-de-curta-duracao-no-futebol-brasileiro>>. Acesso em: 20 de nov. de 2016.

CASARIN, Rodrigo Vicenzi e colaboradores. Modelo de jogo e o processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 03, p. 133-152, jul/set de 2011.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da educação física**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, Júlio. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **EFDeportes**. Buenos Aires, Argentina, ano 8, n. 45, fev., 2002.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.

KREBS, Ruy Jornada. A criança e o esporte: reflexões sustentadas pela teoria dos sistemas ecológicos. In: KREBS e colaboradores. **Os processos desenvolvimentais na infância**. Belém, PA: SIEC; 2003.

LEITÃO, Rodrigo Azevedo. Futebol: **Um jogo também de ocupação de espaço**. Publicado em 11 de abril de 2009. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/futebol-um-jogo-tambem-de-ocupacao-de-espaco>>. Acesso em: 20 de nov. de 2016.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LOPES, Amélia e colaboradores. Estudo exploratório sobre currículo de formação inicial e identidade profissional de docentes do 1º CEB: indícios sobre o papel do envolvimento dos estudantes na gestão do seu próprio currículo de formação. **Revista portuguesa de educação**, v. 17, n. 1, p. 63-95, 2004.

MIRANDA, Joseval dos Reis. A prática interdisciplinar: currículo integrado, saberes articulados, projetos em parceria. In: Congresso Nacional de Educação. 9. 2009, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, PR, 2009.

QUINA, João do Nascimento; GRAÇA, Amândio. O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática. In: Congresso Internacional de Jogos Desportivos. 3., 2011, Porto, Portugal. **Anais...**Porto, Portugal, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8 ed. rev. e mod. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, Elson Aparecido de. **A operacionalização do esporte em escolas de iniciação: o futebol que se propõe**. 2015. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2015.

QUINA, João do Nascimento; GRAÇA, Amândio. O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática. In: Congresso Internacional de Jogos Desportivos. 3., 2011, Porto, Portugal. **Anais...**Porto, Portugal, 2011.



REVERDITO, Riller Silva e colaboradores. O espaço escola de futebol para a iniciação e formação esportiva: estudo na região metropolitana de campinas. **Revista mineira de educacao fisica**, v. XXI, p. 233-239, 2013.

REVERDITO, Riller Silva. **Pedagogia do esporte e modelo bioecológico do desenvolvimento humano**: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. 2016. 209f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2000.

SANTANA, Wilton Carlos de. A Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SANTOMÉ, Jurgo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

SCAGLIA, Alcides José e colaboradores. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, out/dez de 2013.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 169f. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do Futebol: **Construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol**. In: TOLEDO, Eliana; NISTA-PICCOLO, Vilma (Orgs.). Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení.; MOREIRA, Wagner Wey (Orgs.). **Educação física e esportes no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas/Belo Horizonte, Papyrus/ PUC-Minas, 2002.



VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. Pensamento Sistêmico: Uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática. In: Congresso Brasileiro de Sistemas. 1. 2005, Ribeirão Preto, SP. **Anais...**, Ribeirão Preto, SP, 2005. Disponível em: <<http://legacy.unifacef.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>>. Acesso em: 12 de mai., 2015.